O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE FRENTE A CONSCIENTIZAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA VACINA CONTRA O HPV

Sabrina Helena De Lacerda Santana Soares[1]

Gabriela Modenesi Sirtoli[2]

RESUMO

O papilomavirus humano (HPV) é um tipo de vírus responsável por uma Infecção sexualmente transmissível (IST) relacionada a várias doenças comuns no Brasil, estima-se que mais da metade da população entre 19 e 25 anos apresentam algum subtipo do vírus. O objetivo desta pesquisa é verificar o nível de conhecimento que a população possui sobre o HPV e sua prevenção, assim como, os principais motivos que lavam os pais a não vacinarem seus filhos na idade indicada e conscientizá-los sobre a importância da vacina contra o HPV antes da iniciação da vida sexual. Os procedimentos metodológicos adotados foram de abordagem quali-quantitativa exploratória, através de um questionário semi-estruturando pelo Google Forms, que atingiu 86 pessoas, e um vídeo divulgado pela plataforma YouTube com alcance de 97 pessoas. Os resultados mostram que muitos conhecem sobre o assunto e vacinaram seus filhos, porém esse conhecimento é superficial, mesmo dado encontrado na literatura. A importância da vacinação contra o HPV é, evidenciada em várias publicações e sua eficácia na diminuição dos índices de infecção pelo vírus é fato consagrado. Entretanto, as notícias falsas veiculadas, principalmente nas redes sociais, fazem com que os tabus e medos aumentem e consequentemente, a resistência da população a vacinação. O farmacêutico possui um importante papel na educação em saúde frente a conscientização da importância da vacina contra o HPV, esclarecendo o assunto de forma ética e verídica contribuindo para que mais pessoas sejam adeptas a vacina.

Palavras-chave: Papilomavirus humano. Orientação farmacêutica. Farmacêutico. Imunizante. HPV.

ABSTRACT

Human papillomavirus (HPV) is a type of virus responsible for a sexually transmitted infection (STI) this is related to several common diseases in Brazil. It is estimated that more than half of the population between the ages of 19 and 25 years old have some form or subtype of the virus. The objective of this research is to verify the level of knowledge that the general population has about HPV and its prevention, as well as the main reasons that lead parents not to vaccinate their children at the indicated age, along with making them aware of the importance of the vaccination against HPV before sexual initiation occurs. The methodological procedures adopted were: An exploratory qualitative/qualitative approach, through a semi-structured questionnaire using Google Forms, which reached 86 people and a video released on the YouTube platform, reaching 97 people. The results show that many know about the subject

[1]Graduanda do Curso de Farmácia do UniSales Centro Universitário Salesiano. E-mail: sabrinasantana25@hotmail.com

[2]Farmacêutica Bioquímica, Doutora em Fisiologia (UFRJ). E-mail: gsirtoli@salesiano.br

and have vaccinated their children but this knowledge is superficial at best. Even with the days found in the available literature. The importance of vaccination is evidenced in several publications and its effectiveness in reducing the rates of infection by the virus is an established fact. However, with the spread of fake news, especially on social networks, It makes the taboos and fears increase and consequently, so does the population's resistance to vaccinations The pharmacist has an important role in the health education in the face of awareness about the importance of the HPV vaccine. By clarifying the subject in an ethical and truthful way and contributing to more people being comfortable about the true risks and rewards of the vaccine.

Keywords: Human papillomavirus. Pharmacêutical guidance. Pharmaceutical. Immunizing. HPV.

1. INTRODUÇÃO

A infecção pelo (HPV) é uma infecção sexualmente transmissível (IST) muito comum entre jovens e adultos e ocorre principalmente através do ato sexual, de forma assintomática e auto limitada, mas assume grande importância por estar associada a malignidades tanto em homens quanto em mulheres. É importante destacar que a transmissão não se dá somente por relação sexual. Formas incomuns de transmissão são descritas a exemplo do que ocorre em crianças que podem se contaminar através do contato com roupas íntimas, mãos ou até mesmo vasos sanitários contaminados (DA SILVA *et. al*., 2017).

Essa infecção pode ser em alguns casos silenciosa, ou seja, sem manifestações clínicas, mais em outros casos produz manifestações como as verrugas genitais, lesões pré-cancerosas do trato genital (condiloma acuminado) podendo chegar a neoplasias do colo uterino, vulvares, vaginais, penianas e anais (DA SILVA *et al*., 2020).

A proteção contra o HPV se dá através do uso de preservativos, porém, o preservativo não protege todas as áreas de contato no ato sexual, regiões como a vulva, perianal, bolsa escrotal também são passíveis de infecção e de igual forma de transmissão e por isso a importância da vacinação (FREITAS; CANGUSSÚ; GRADELLA, 2015). No Brasil foram desenvolvidas duas vacinas, uma bivalente e outra quadrivalente e atualmente são oferecidas nos postos de saúde de forma gratuita para crianças e adolescentes entre 9 e 14 anos (SANTOS, 2017).

A vacina estimula a produção de anticorpos contra os tipos de HPV que ela contém, esses anticorpos são liberados na mucosa genital, impedindo a infecção no caso de contato com o vírus, por isso é importante que a vacina seja administrada antes da iniciação da vida sexual (SANTOS, 2017).

A vacinação é um método eficaz para combater uma doença de etiologia infecciosa e possui grande importância em relação ao custo-benefício. O grande problema é a resistência de pais e responsáveis em vacinar seus filhos contra o HPV, uma vez que estes não acham necessária uma vacina tão precoce em crianças que ainda não tem vida sexual ativa e temem por acabarem incentivando uma iniciação sexual através do ato de vacinar (RIZZO *et. al.*, 2016).

O conhecimento sobre o tema vacinação é bem importante para toda a sociedade, e conscientizar a mesma, se torna ainda mais relevante. Com esse critério, a vacinação para adolescentes contra o vírus HPV, tornou-se um assunto imensamente discutido e valioso a ser passado para todos (RIZZO *et. al.*, 2016),

surge a hipótese que, uma vez que grande parte de pais de crianças e adolescentes podem ignorar importantes informações sobre o HPV e por não conhecerem acabam ficando com dúvidas no momento de vacinarem seus filhos, podendo gerar uma baixa adesão a vacinação.

Desta forma como objetivo geral desta pesquisa buscou-se verificar o nível de conhecimento que a população possui sobre o HPV e sua prevenção, assim como, os principais motivos que levam os pais a não vacinarem seus filhos na idade indicada e conscientizá-los sobre a importância da vacina contra o HPV antes da iniciação da vida sexual. Como objetivos específicos buscaram-se coletar dados sobre as principais dúvidas e resistências em relação à vacinação; esclarecer sobre o porquê é importante vacinar crianças na faixa etária de 9 anos; divulgar informações sobre as doenças que a vacina pode evitar desconstruindo tabus existentes em torno da vacinação.

Diante do exposto fica uma pergunta, o farmacêutico, com o conhecimento que possui, pode influenciar de forma positiva na tomada de decisão dos pais no momento de vacinarem seus filhos contra o HPV? Qual o benefício que a educação em saúde, realizada através do profissional farmacêutico pode trazer frente a esse tema tão evitado pelos pais.

Este estudo se faz importante, pois através dele espera-se que um grupo de indivíduos fique mais bem informado com relação à vacina contra o HPV, levando às informações a diante em seus grupos de convívio, gerando uma maior adesão a vacina e uma maior proteção as crianças e adolescentes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PAPILOMA VÍRUS HUMANO

O HPV é um tipo de Infecção sexualmente transmissível (IST) relacionada a várias doenças comuns no Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde, uma a cada dez pessoas está infectada com algum subtipo do vírus. Atualmente existem mais de 150 subtipos de HPV identificados dos quais 40 podem infectar a região genital, sendo que as manifestações mais comuns desse vírus são as verrugas genitais e o câncer no colo de útero (SILVA, 2020). Além disso o HPV pode provocar neoplasias de pênis, vagina, ânus, vulva, garganta e boca (INSTITUTO NACIOAL DO CÂNCER, [s.d.]).

Entre os sorotipos existentes, os 16 e 18 são considerados oncogênicos e estão associados a 70% dos cânceres cervicais e, os sorotipos 6 e 11 estão relacionados com as doenças em graus mais leves como os condilomas genitais (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011).

2.2 FORMAS DE TRANSMISSÃO

O HPV tem como principal meio de transmissão o contato sexual com a mucosa e pele infectada, podendo também ocorrer também a transmissão congênita durante a gestação e no momento do parto (CAMPOS *et. al*, 2016). O período de incubação varia de 3 semanas a 8 meses após o contato com o vírus, na maioria dos casos, pode haver regressão espontânea (LETO, 2011).

Entre os fatores que contribuem para a infecção com HPV o de maior relevância é o início da vida sexual cada vez mais precoce. O número de adolecentes infectados

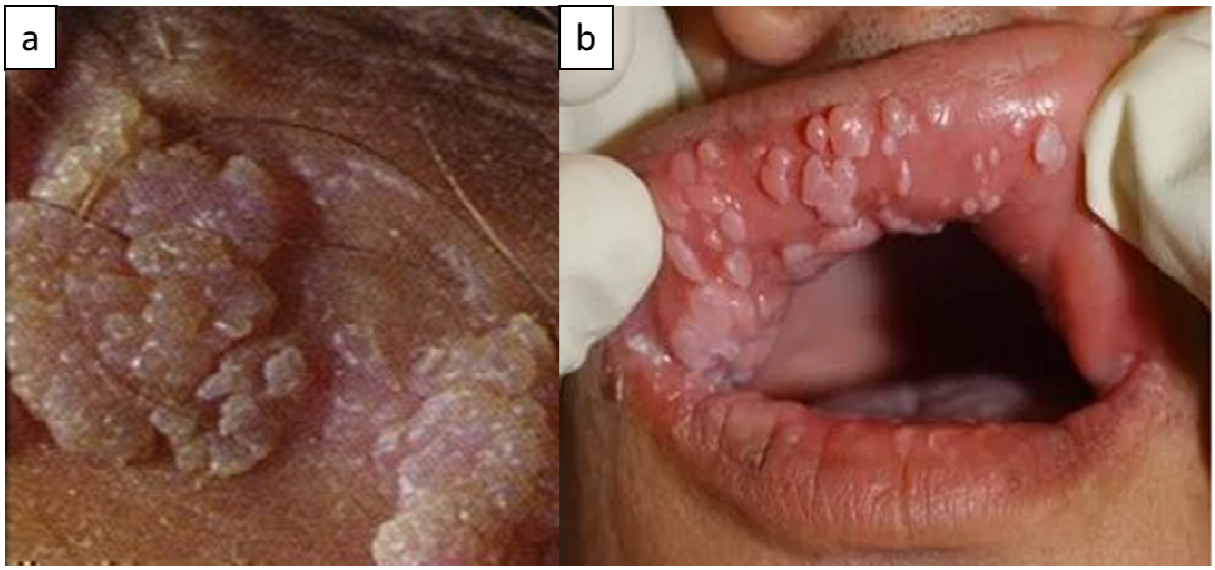
cresce a cada ano e isso se dá principalmente pelo fato da doença muitas vezes ser silenciosa e os infectados não manifestarem sintoma, e por isso, não preocupam em se prevenir (JURBERG *et. al*., 2015).

A pré-adolescência e a adolescência que compreendem a idade de 10 a 19 anos é uma fase na vida de grandes experiências, descobertas e aventuras. Dentre elas, o despertar da sexualidade merece uma atenção maior, pois a falta de orientações pode trazer consequências fatais à saúde dos adolescentes que acabam ficando expostos a infecções se não se protegerem durante as relações sexuais. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2018).

2.3 MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DO HPV

O HPV em sua forma clínica pode se manifestar com lesões que são visíveis através do aparecimento de verrugas nas regiões perianal, vulva, vagina, clítores, pênis (prepúcio e glande) e bolsa escrotal, em algumas situações podem aparecer lesões na mucosa da boca e garganta tanto em homens quanto em mulheres, também podem surgir sintomas como sangramentos, corrimentos, dor e queimação, as verrugas começam pequenas e se não tratadas, podem crescer e se espalhar rapidamente, ficando com aspécto de couve-flor (Figura 1) (SOUSA, 2020).

Figura 1: Aspecto de verrugas “em couve-flor” (a) e verruga oral (b) causadas pelo HPV.



Fonte: adaptada de https://paispediatras.com/verrugas-conheca-cada-tipo-como-tratar-e-prevenir/ e https://medodedentista.com.br/2013/06/a-relacao-entre-hpv-e-cancer-de-boca.html.

O HPV em sua forma subclínica (não visível a olho nu) podem apresentar lesões no colo do útero que se não detectadas e tratadas podem evoluir para o câncer (SOUSA, R. 2020).

Segundo Brazilian Journal of Development observa-se a prevalência da infecção por HPV em indivíduos com sorologia reagente para HIV, decorrente da imunossupressão causada pelo vírus HIV (SILVEIRA, 2020). Ambas as infecções estão relacionadas às mesmas causas como baixo nível socioeconômico e relação sexual desprotegida, sendo que o HIV pela sua atividade imunossupressora é o principal indicador da infecção pelo HPV que aumenta a prevalência de câncer em mulheres (SOUZA, W. 2020).

Nos casos em que a infecção é causada pelo vírus de característica oncogênica, a infecção persistente pode causar lesões que se não forem tratadas podem dar origem a cânceres em diversas regiões que compreendem a vulva, vagina, colo do útero e até mesmo câncer anal (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, [s.d.]).

2.3.1 Fisiopatologia do HPV na mulher

Segundo o Instituto Nacional de Câncer, infecções persistentes por alguns subtipos de HPV podem evoluir com alterações celulares e consequentemente com o surgimento do câncer de colo de útero que é um dos mais freqüentes tipos de câncer na população feminina (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2019). Em estudos recentes, pesquisadores apontam que algumas deformidades visualizadas em células do epitélio do colo do útero (até então consideradas lesões pré-malignas) apresentavam aspectos citológicos iguais aos de células de lesões verrucosas, que a partir de então passaram a ser denominadas coilócito, que é um sinal citológico da presença do vírus na célula (BRUM; ANDRADE, 2020).

O vírus entra nas células basais do tecido epitelial escamoso estratificado e dentro do núcleo dessa célula produz novas cópias virais, permitindo que a célula se diferencie para as camadas superficiais apresentando “coilocitose” e outras alterações como binucleação e multinucleação (SOUZA, 2018). Quando ocorre a diferenciação celular através de sucessiva mitose o vírus modifica o DNA presente no interior das células, trocando os genes do hospedeiro pelo seu. Dessa forma, quando a célula se dividir ela terá consigo o DNA do HPV e quando as lesões são identificadas como de baixo grau em geral regridem sozinhas, porém em alguns casos persistem e transformam-se em câncer. Entretanto, após vários estudos moleculares sobre o vírus, constatou-se que o vírus HPV é necessário, porém não suficiente para desenvolver o câncer de colo de útero decorrente desta infecção, sendo preciso outros fatores para a manifestação do câncer (BRUM; ANDRADE, 2020). Para que ocorra a evolução de uma infecção por HPV para uma neoplasia cervical, são necessários outros fatores como uso de contraceptivos orais por um longo período de tempo, tabagismo, imunossupressão, infecções por outras doenças sexualmente transmissíveis e deficiências nutricionais (ROSA *et. al*., 2009).

2.3.2 O HPV no homem

O homem vacinado além de se proteger contra doenças não dissemina o vírus, o que diminui a incidência de infecções. De acordo com dados do Ministério da Saúde, estima-se que no Brasil o número de homens infectados com o vírus do HPV seja maior do que o de mulheres, sendo que na maioria dos casos no homem o HPV se manifesta nas formas subclínica e assintomática (BRASIL, 2017). Isso significa que o homem mesmo sendo transmissor pode não apresentar tanto os sintomas da infecção quando comparados às mulheres (OLIVEIRA, 2020). A maioria dos homens que têm contato com o vírus nunca desenvolve verrugas devido ao processo de ativação natural do sistema imune, que consegue neutralizar a ação do vírus de forma eficiente. Nas raras ocasiões em que aparecem as verrugas, a infecção pode ser detectada através do auto exame ou por um médico. Por outro lado, o estágio das lesões subclínicas ou micro lesões que não podem ser observadas a olho nu, é necessário realizar um exame laboratorial conhecido como peniscopia (LIMA, 2020).

Mesmo que a infecção seja assintomática na maioria dos casos, a infecção em homens continua sendo preocupante uma vez que podem ser transmissores do vírus, além de estarem sujeitos ao risco desenvolvimento de câncer de pênis pelo fato de que o HPV figura como uma das principais causas dessa neoplasia (OLIVEIRA, 2020).

2.4 PREVENÇÃO, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

É de grande importância que haja a prevenção contra a contaminação pelo vírus do papiloma humano, esta pode correr através da interrupção da cadeia de transmissão pela prevenção ou pela eliminação de lesões (DE LIMA *et. al*., 2013).

Segundo o Ministério da Saúde, o melhor jeito de prevenir o HPV é através da vacinação que deve acontecer antes da iniciação da vida sexual para uma melhor eficácia, por esse motivo, a vacina foi incluída no esquema vacinal para meninas com idade entre 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos de forma gratuita nos postos de saúde. É importante destacar que, mesmo com o esquema vacinal completo é muito importante o uso de camisinhas durante as relações sexuais uma vez que a vacina não imuniza contra todos os subtipos existentes do vírus. Também é importante meninas com a vida sexual ativa manter o exame preventivo em dia, pois em casos de infecções, quanto mais cedo se inicia o tratamento maiores são as chances de cura (BRASIL, 2019).

Além do exame preventivo – Papanicolau, o diagnóstico do HPV em sua forma subclínica pode ser feito pelos exames de colposcopia, peniscopia e anuscopia, já a forma clínica pode ser diagnosticada por meio de exames urológicos, ginecológicos ou dermatológicos. Em alguns casos pode ser necessária uma biópsia e/ou um exame de histopatologia (BRASIL, 2019).

O tratamento pode variar a depender das manifestações da doença, quando ocorrem verrugas genitais elas são tratadas com medicamentos prescritos pelo médico ou através de laser, crioterapia ou cirurgias locais. Porém, com o desenvolvimento do câncer o tratamento depende do estágio em que este se encontra, o médico pode removê-lo por meio do bisturi ou excisão eletrocirúrgica; histerectomia radical; remoção dos linfonodos; ou radioterapia (LETO, 2011).

2.5 A VACINA CONTRA HPV E SEU PAPEL NA IMUNIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

É sabido que a vacina é uma forma eficaz e de baixo custo para o controle de doenças infecciosas e de fácil disseminação (SOUZA, 2018). A vacina contra o HPV existe e já é uma realidade no Brasil desde 2014 e como todas as outras vacinas é preventiva e visa à imunização de crianças e adolescentes antes da iniciação da vida sexual, por isso foi incluída no Calendário Básico de Imunização sendo oferecida inicialmente a meninas com idade entre 9 e 14 anos. Em 2017 o Brasil passou a disponibilizar o imunizante a meninos também, assumindo a sétima posição no mundo e a primeira na América do Sul a oferecer a vacina aos meninos em programas nacionais de imunizações (BRASIL, 2017). O homem vacinado além de se proteger contra doenças não dissemina o vírus, o que diminui a incidência de infecções. A vacina contém partículas semelhantes ao vírus e por isso, estimula o sistema imune a produzir anticorpos contra o HPV, esses anticorpos são liberados na mucosa genital e em caso de contato com o vírus eles são eliminados antes de se iniciar um quadro infeccioso (ZARGO *et. al*., 2014).

Em 2015 uma pesquisa apresentada no encontro da Associação Americana de Pesquisa sobre o Câncer indicou que a vacina se faz eficaz mesmo quando administrada em mulheres que já tiveram contato com o vírus em alguma fase da vida. Esse estudo foi realizado por cientistas liderados pelo Instituto Nacional do câncer Americano que durante 4 anos acompanhou um total de 186 mulheres com idade entre 18 e 25 anos, onde parte do grupo recebeu a vacina que protege contra 2 subtipos do HPV e outra parte recebeu a vacina controle. Os resultados obtidos mostraram que a vacina protegeu 83% das mulheres contra infecções e impediu que 58% delas fossem reinfectadas com o vírus do HPV (VEJA, 2015).

A busca por uma imunização cada vez mais eficaz não para, e, em dezembro de 2017 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou uma vacina mais eficaz que imuniza contra 9 subtipos do vírus, entre eles estão os subtipos: 31, 33, 45, 52, 58, 6, 11, 16 e 18, a vacina recebeu o nome de Gardasil9 e foi registrada pelo laboratório Merck Sharp & Dohme Farmacêutica LTDA, sendo indicada para homens e mulheres com idade entre 9 a 26 anos e está presente nas redes particulares de imunização. (ZARGO *et. al*., 2014).

As evidências mostram que as chances de infecção por HPV diminuem em meninos à medida que aumenta o número de meninas com esquema vacinal completo, e que a eficácia geral da vacina pode chegar a até 100% (ZARGO *et. al*., 2014). Isso porque as vacinas oferecem eficácia na prevenção dos subtipos 16 e 18, principais causadores das doenças graves associadas ao HPV. Vale ressaltar que entre os fatores associados à adesão a vacinação pode-se citar o conhecimento sobre a infecção por HPV, oferta da vacina nas escolas e recomendação de professores, percepção da família quanto aos riscos e apoio da rede de convívio social (GENTIL, 2020). É nesse contexto que o farmacêutico está inserido desempenhando um importante papel na educação em saúde a fim de conscientizar pais e adolescentes da importância da vacinação.

2.6 RESISTÊNCIAS DOS PAIS QUANTO A VACINAÇÃO

A vacina é uma ferramenta fundamental no combate a muitos microrganismos patogênicos que atingem os cidadãos, sabe-se que vacinar é uma das intervenções na saúde pública que causa grande repercussão e dúvidas na população em geral (VIEGAS *et. al*., 2019).

Pesquisas realizadas em diversos países mostraram que fatores de recusa à vacina são muito diversos. O medo dos responsáveis muitas vezes ocorre devido à falta de informações e/ou informações falsas, encontradas na internet. Destaca-se também a necessidade de maiores informações acerca da vacina, dúvidas quanto a sua eficácia, medo da possível indução de iniciação sexual precoce e, ainda, crença de que o Papanicolau seja eficiente e suficiente na prevenção do HPV (ZANINI,2017). Entretanto, é importante salientar que apesar das diversas falsas informações que provocam a resistência, a vacina contra HPV é bem tolerada no nosso organismo e não apresenta efeitos colaterais graves, além disso, apresenta uma ótima eficácia (ZARGO *et. al*., 2014).

Diante do exposto, torna-se evidente que a população (pais/responsáveis) ainda apresenta uma carência de informações sobre o assunto, e é extremamente necessário realizar campanhas de conscientização, palestras e reuniões para os mesmos a fim de conscientizar sobre a importância da vacina, para o controle das ISt’s causadas pelo HPV e prevenção da doença.

2.6.1 Consequências da falta de adesão a vacinação

A não adesão a vacinação contra o HPV é observada em maior frequência na população mais carente, que apresentam o nível de escolaridade baixo, dificuldade de acesso às informações, e acabam não usufruindo dos benefícios que a vacinação proporciona para a população (ALMEIDA, 2020).
Pessoas não imunizadas estão mais propícias a contrair o HPV podendo acarretar uma série de problemas e infecções na sua forma mais branda, como verrugas na região genital e problemas mais sérios, como cânceres de colo de útero e de ânus, entre outros (SILVA, 2020). O HPV é uma infecção para a qual ainda não se conhece a cura, mas existem tratamentos disponíveis para o controle das infecções mais brandas causadas pelo vírus.
O controle de doenças já conhecidas e a prevenção de novos casos são prejudicados pelo fato de que algumas formas da infecção não apresentam sintomas, o que torna mais difícil a identificação da doença por anamnese. Portadores assintomáticos do vírus são transmissores em potencial podendo aumentar o número de pacientes que apresentam as doenças causadas pelo HPV. Por esse motivo, toda a população deve ser vacinada contra o HPV a fim de diminuir a incidência de doenças associadas (CARVALHO, 2019).

2.7 O FARMACÊUTICO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE.

A educação em saúde pode ser compreendida como um conjunto de estratégias que visam à prevenção de doenças através da mudança de hábitos buscando desenvolver nos indivíduos a consciência de que o cuidado com a saúde é responsabilidade de cada um. Dessa forma, através de conhecimentos científicos conduz a população a identificar condutas e ações prejudiciais à saúde oferecendo ajuda e meios para uma mudança visando o bem-estar a e melhoria na qualidade de vida. (OLIVEIRA, 2004).

De modo geral, a população associa saúde ao uso de medicamentos e dessa forma a prática da automedicação é uma realidade perigosa e que pode gerar mais prejuízos que benefícios quando realizada de forma incorreta. (BRASIL, [s.d.]). O farmacêutico é o profissional mais bem preparado para falar sobre medicamentos e o ato de se medicar, e, sua área de atuação, o coloca em contato direto com pessoas que carecem dessas informações (DE OLIVEIRA, 2015).

A saúde compreende ações voltadas não só para o tratamento mais também para a prevenção e, falando de prevenção, a vacina é um dos métodos mais eficientes. As vacinas são capazes de nos imunizar contra doenças infectocontagiosas e dessa forma diminuir sua circulação entre a população. (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011).

O farmacêutico, com o conhecimento que possui pode realizar atividades voltadas para a prevenção, conscientizando a população sobre a importância da vacinação, esclarecendo dúvidas e orientando sobre as consequências da não adesão a vacinação (VIEIRA, 2007).

2.7.1 Atuação do farmacêutico nos serviços de imunização.

Os serviços farmacêuticos vêm ganhando grandes proporções e as atividades exercidas por esse profissional estão se expandindo com o passar dos anos e

distribuir medicamentos já não é mais visto como a única atribuição desse profissional (SALES, 2021).

Em 2014 as farmácias foram regulamentadas como estabelecimentos de saúde através da lei Federal 13.021 que declara a farmácia como uma unidade de prestação de serviço apta a oferecer assistência e orientações com o propósito de promover, proteger e recuperar a saúde dos indivíduos através das atividades farmacêuticas (BRASIL, 2014). Neste contexto a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) através da RDC nº 197/2017 estabelece os requisitos mínimos que todo estabelecimento de saúde precisa ter para oferecer o serviço de vacinação humana determinando as condições para seu funcionamento desde sua infraestrutura, qualificação dos profissionais, registro e notificação das vacinas entre outros (ANVISA, 2017).

O farmacêutico é o único profissional apto para estar à frente do estabelecimento de saúde farmácia e/ou drogaria que devido a sua acessibilidade tem contato com um público variado e dessa forma pode alcançar e conscientizar um grande número de pessoas com o serviço de vacinação (SALES, 2021).

Frente a essa realidade o Conselho Federal de Farmácia (CFF), através da RDC de nº 654/2018 estabelece os requisitos necessários à prestação do serviço de vacinação pelo farmacêutico, buscando garantir um serviço de qualidade, oferecido por profissionais qualificados que possam comprovar através de documentação o conhecimento e aptidão necessários para a prestação do serviço de imunização (CFF, 2018).

Através de sua experiência, e seu vasto conhecimento sobre os medicamentos (incluindo as vacinas) e sua farmacodinâmica, o farmacêutico tem a capacidade de oferecer seus serviços em variadas áreas da saúde, dentre elas exerce um importante papel na educação em saúde contribuindo para uma melhor adesão a vacinação através da informação (PEREIRA, 2015).

2.7.2 Atuação do farmacêutico na conscientização da importância da vacina contra o HPV.

Estudos que visam determinar o nível de conhecimento sobre o HPV e sua forma de prevenção têm demonstrado como é grande o número de pessoas que não possuem informações sobre o vírus e as doenças a ele relacionadas, a população masculina é a que demonstra menor nível de conhecimento sobre o assunto. Através das informações coletadas por meio desses estudos é possível o desenvolvimento de estratégias específicas voltadas à orientação adequada sobre a prevenção, identificação de sinais e sintomas e o tratamento do HPV em suas variadas manifestações (ABREU *et. al*., 2018).

O Ministério da Saúde através do Programa Nacional de Imunização, disponibiliza hoje, de forma gratuita, a vacina contra 4 subtipos do HPV e grande parte da população não tem acesso a essa informação (ABREU *et. al*., 2018).

O farmacêutico tem conquistado cada vez mais espaço nas equipes multidisciplinares e tem deixado de ser o profissional que está atrás balcão para estar diretamente ligado a prevenção e cuidado da saúde através da atenção básica. Os cuidados prestados por esse serviço buscam a promoção da saúde através da orientação a população, propondo a educação em saúde como um meio de disseminar conhecimentos que permitem a prevenção a doenças, bem como, o seu

tratamento adequado de forma precoce evitando seu agravo e promovendo a saúde no amplo sentido da palavra (OSIS, DUARTE, SOUSA, 2014).

Como vimos anteriormente, entre tantas vacinas existentes, a vacina contra o HPV está entre as vacinas com menor índice de adesão, e isso se dá devido a concepções erradas a respeito desse imunizante, o farmacêutico frente à vacinação contra o HPV pode instruir e sanar dúvidas, elucidando o que é verdadeiro e o que é falso sobre a vacina, oferecendo ao público o conhecimento necessário para uma boa adesão ao ato de vacinar seus filhos na idade indicada (SALES, 2021).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa se trata de um estudo quali-quantitativo e tem como finalidade interpretar as informações qualitativas observadas através das respostas obtidas, bem como interpretar os dados numéricos coletados.A abordagem nos resultados e discussão será exploratória. A pesquisa qualitativa é baseada na interpretação dos fenômenos observados e no significado que carregam (TAQUE; MINAYO, 2013).

De acordo com Gil, (2010), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, assim sendo, pretendo realizar uma análise bibliográfica para realizar a fundamentação teórica do trabalho.

A pesquisa tem respaldo ético pela Resolução nº466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e todos os procedimentos éticos foram seguidos como: submissão de projeto de pesquisa à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética da Unisales, sendo aprovado tendo por numeração nº 60323022.3.00005068.

Assim, o foco da pesquisa foi a captação de adultos em geral através de panfletos impressos contendo um QRcode que foram distribuídos em praça pública e panfletos virtuais que continham um link e foram enviados a grupos de Whats app do pesquisador, tanto mo link quanto o QRcode direcionavam os voluntários a um questionário semi estruturado pelo pesquisador na plataforma Google Forms que continha 17 perguntas a fim de ver qual o nível de conhecimento sobre o tema eles possuem, bem como verificar qual a aceitação da vacina contra o HPV por aqueles que possuem filhos na idade vacinal.

Ainda foi produzido um vídeo contendo as informações corretas sobre o vírus, a infecção que ele causa e a forma de prevenção, o mesmo foi publicado na plataforma YouTube e enviado aos participantes da pesquisa por email, também foi divulgado em grupos de whats app e pode ser acessado através do link a seguir https://youtu.be/KWti2pAMnm0.

Sendo assim, a pesquisa contou com a participação de 86 voluntários, que responderam o questionário no período de 14 de setembro a 14 de outubro. A partir dos dados obtidos foram desenvolvidos os resultados e discussão deste artigo, fazendo a comparação com o que a literatura apresenta e a realidade relatada nos questionários. Foi utilizada tabelas com os dados obtidos para uma melhor visualização dos resultados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo contou com uma amostra de 86 participantes voluntários, com idade entre 19 e 57 anos tendo como idade média 30 anos. Destes, 72 são mulheres e 14 homens. Ainda, um dado importante é que 16 participantes não possuem filhos.

No que diz respeito ao conhecimento da população estudada sobre o vírus e sua forma de transmissão, quando questionadas se conhecem o HPV, apenas 3 pessoas disseram não conhecer, porém ao serem questionadas sobre o que é o HPV, 59 participantes souberam dizer que é um vírus, 1 pessoa pensava ser um fungo, 1 pessoa pensava ser uma bactéria, 22 pessoas sabiam apenas que era uma doença e 3 pessoas não souberam dizer. Nessa sessão também é importante destacar que 13 pessoas não sabiam a forma mais comum de contágio (Tabela1).

Tabela 1:Conhecimento dos voluntários sobre o HPV e sua forma de transmissão

Você já ouviu falar em HPV?	Frequência	%
Sim	83	96,5%
Não	3	3,5%
Para você o que é o HPV?		
Um vírus	59	68,6%
Uma bactéria	1	1,2%
Um fungo	1	1,2%
Uma doença	22	25,6%
Não sei dizer	3	3,5%
Você sabe qual a forma mais comum de contágio do HPV?		
Sim	73	84,9%
Não	13	15,1%

Fonte: Sistematização própria.

No que diz respeito ao conhecimento sobre as consequências que o HPV pode trazer e quem é o grupo de maior risco, os dados revelam que da população estudada 24 pessoas declararam não saber o que o HPV pode causar, 33 pessoas não sabiam que tanto homens quanto mulheres correm o risco de se infectarem e desenvolverem uma doença em decorrência dessa infecção e dessas, 32 pessoas pensavam que as mulheres correm mais risco e 1 pessoa pensava que o homem é o mais prejudicado.

Outro importante dado é a desinformação das pessoas com relação a idade de risco de se infectar, apenas 41 pessoas sabiam que o risco de contágio independe da idade, 16 pessoas pensavam que a idade de risco é entre 9 e 14 anos, 13 pessoas pensavam que a idade de risco é entre 15 e 18 anos e 16 pessoas pensavam que a idade de maior risco é acima dos 18 anos. (Tabela 2). O que mais chamou a atenção nesta pesquisa foi o número de pessoas que ignoram informações importantes sobre o HPV e os danos que ele pode causar a saúde.

Sobre a vacina contra HPV e sua idade de indicação grande parte os participantes declararam conhecer a vacina e saber qual a idade em que crianças e adolescentes devem ser vacinados e apenas 4 pessoas acham a idade precoce e dessas somente uma se recusou a vacinar o filho na idade indicada (Tabela 3). De acordo com as respostas obtidas ficou claro que a maioria dos participantes que possuem filhos se

preocupam em manter o cartão de vacina dos seus filhos em dia, e que apenas uma participante não vacinou o filho contra o HPV na idade indicada.

Tabela 2:Consequências que o HPV pode trazer e grupo de maior risco

Você sabe o que o HPV pode causar?	Frequência	%
Sim	62	72,1%
Não	24	27,9%
Para você, em quem o HPV pode causar maior dano?		
Ambos os sexos	53	61,6%
Homens	1	1,2%
Mulheres	32	37,2%
Você sabe qual a Idade de maior risco?		
9 a 14 anos	16	18,6%
15 a 18 anos	13	15,1%
Adultos acima de 18 anos	16	18,6%
Independe da idade	41	47,7%

Fonte: Sistematização própria.

Tabela 3: Conhecimento e adesão dos responsáveis à vacina

Você já ouviu falar na vacina contra o HPV e que sua primeira dose é indicada para meninas a partir de 9 anos e meninos a partir de 11 anos?	Frequência	%
Sim	76	88,4%
Não	10	11,6%
O que você pensa a respeito da idade de indicação da vacina para uma infecção que é transmitida através de relação sexual?		
Resposta destaque	"Muito cedo para quem não tem vida sexual ativa".	
Você vacinou ou vacinará seu (s) filho (s) na idade indicada? Justifique sua resposta. N= 70		
Sim	69	98,6%
Não	1	1,4%
Justificativa destaque	"Quando recebi o comunicado da escola não recebi nenhuma informação sobre a vacina, a única coisa que sei é que oriento meus filhos a terem relações sexuais no tempo certo e de maneira consciente."	

Fonte: Sistematização própria.

Na tabela 4 estão apresentados dados sobre o alcance do vídeo publicado e a seguir é possível visualizar os comentários recebidos (Figura 2).Até o dia 10/11/2022 o vídeo publicado na plataforma do YouTube contendo as corretas informações sobre as questões do questionário obteve 97 visualizações, 48 curtidas e 6 comentários.

Tabela 4: Alcance do vídeo publicado na plataforma YouTube

Data da publicação	20/10/2022
Data da verificação de acessos	10/11/2022
Quantidade de acessos	97
Quantidade de curtidas	48
Comentários	6

Fonte: Sistematização própria.

Figura 2: Vídeo no YouTube com alguns comentários recebidos.

Fonte: *Youtube*, acessado em 10/11/2022.

Apesar dos resultados obtidos nesta pesquisa apontarem que 98,6% da população questionada é adepta da vacina, esse resultado não reflete uma realidade apresentada pela literatura, porém os números apresentados com relação ao conhecimento sobre o assunto corroboram com o que a literatura nos apresenta sobre os principais motivos que influenciam na falta de adesão da mesma, uma vez que podemos perceber que um número expressivo de pais não possui informações corretas sobre o assunto.

Lazalde *et. al*., (2018), citado por Rodrigues *et al*.; (2020) afirmam que entre as principais justificativas dos pais à não adesão à vacinação está a falta de informação sobre a vacina e os prejuízos que essa negativa pode trazer para a vida de seus filhos. Dessa forma, percebemos que a baixa adesão está diretamente ligada à carência de informações sobre o vírus, as doenças que ele pode causar e como a vacina promove a proteção se administrada antes da iniciação da vida sexual.

Desde o século XVIII a infecção pelo o HPV foi caracterizada como uma infecção sexual e há mais de 40 anos o HPV foi comprovadamente associado ao câncer de colo de útero como um importante agente causador (HPV online, 2022).Segundo informações contidas no portal da Fiocruz, a infecção pelo HPV é a infecção sexualmente transmissível mais comum no mundo, estima-se que cada indivíduo tem até 80% de chance de ter contato com o vírus durante toda sua vida. (FIOCRUZ, 2020).

Vale destacar que a idade de indicação também é pouco compreendida pelos pais, o que acaba gerando informações equivocadas como a idéia de que o ato de vacinar contra uma doença de transmissão sexual pode incentivar uma sexualidade precoce entre crianças (CARVALHO *et. al*., 2020). O que falta nos pais e responsáveis é a compreensão de que a idade está relacionada à garantia de se oferecer uma proteção antes de a criança atingir idade sexual ativa, e que a cobertura vacinal vale para uma vida inteira, diminuindo a circulação do vírus e dessa forma protegendo também pessoas que por algum motivo não se vacinaram (CASEMIRO; FONSE; SECCO, 2014).

Considerando que nos últimos anos as pessoas vêm tendo cada vez mais acesso a informações por meio da internet e redes sociais, números como os apresentados acima com relação ao conhecimento básico sobre um assunto tão importante revela um problema de saúde pública e reforça a necessidade de ações voltadas para a educação em saúde (FARIAS *et. al*., 2016).

Há de se pontuar que a literatura descreve uma realidade parecida com a que foi encontrada nessa pesquisa, há um grande número de pessoas principalmente pais, que apesar de todas as campanhas e informações divulgadas nos meios digitais, ainda possuem muitas dúvidas, ou seja, é necessário que haja uma maior disseminação do que é o HPV (FERREIRA *et al*., 2014).

Nesse sentindo as ações que podem ser implementadas para que pais, alunos, e a população de forma geral tenham mais acesso a informação é a cultura da educação em saúde gerando conhecimento, e isso envolve desde a Atenção Primária através da Unidade Básica de Saúde (UBS), sendo um trabalho conjunto com a Estratégia de Saúde Família (ESF), onde a educação em saúde poderá ser aplicada a cada família, bem como em ações nas escolas abordando o HPV, capacitando pais e educadores escolares a tratarem do assunto, contudo ainda há grande resistência a essa adesão (GENTIL; CORDEIRO, 2020).

Há uma grande preocupação, pois, apesar dos entrevistados conhecerem superficialmente o assunto, o desconhecimento a fundo se dá apenas pelo que a mídia dissemina em redes sociais, e esse conhecimento nem sempre traz todas as informações necessárias para pais e filhos se conscientizarem de fato da importância da vacinação contra o HPV (TORRES; NASCIMENTO; ALCHIERI, 2013).

A literatura ainda descreve que há uma falta de articulação entre saúde e educação, ficando mais uma vez latente que a realidade apresentada nos questionários condiz

com o que é relatado nos artigos, na literatura, ou seja, é necessário que haja ações conjuntas entre escola e os setores de saúde. A UBS é o local onde as ações podem ser programadas juntamente com o território para que possam fazer ações de educação em saúde para que os pais sejam conscientizados e aprendam que a vacina contra o HPV é só mais uma vacina e que o ato de vacinar não está relacionado com atividades sexuais precoces mais sim ao cuidado com a saúde de forma mais consciente (SILVA *et. al*., 2014; FARIAS *et. al*., 2016).

Assim, fica claro através dos dados encontrados que a articulação entre os setores é importante e impacta diretamente na construção de uma sociedade mais saudável, a escola é um local excelente para a construção dessas novas práticas (GENTIL; CORDEIRO, 2020).

Entende-se que por mais que os pais tenham vacinado os seus filhos, que tenham um prévio conhecimento superficial, há um longo caminho a se percorrer de parcerias entre saúde e educação para construção de estratégias mais sólidas (TORRES; NASCIMENTO; ALCHIERI, 2013).

Há ainda a capacitação dos professores de todas as disciplinas para se trabalhar a temática, não apenas os professores de ciências como relata a literatura, pois se todos forem capacitados, pode-se fazer trabalhos interdisciplinares, o que não ocorre no momento no ambiente escolar por falta de informação (GENTIL; CORDEIRO, 2020).

Trabalhar o HPV na escola é um desafio, diversos autores pontuam que a relação entre saúde e educação não tem a qualidade que deveria ter (GENTIL; CORDEIRO, 2020), dessa forma uma abordagem incorreta e muitas vezes incompleta no momento crucial de convidar os pais a vacinarem seus filhos, acaba influenciando de forma negativa nessa tomada de decisão, como foi relatado por uma mãe no questionário aplicado onde a mesma ao ser questionada sobre o motivo de não ter vacinado seus filhos, relatou que a escola não forneceu a ela nenhuma informação além do comunicado de que haveria vacinação. Assim, sentiu-se insegura em vacinar seu filho, tendo em vista que não conhecia muito sobre o vírus e acreditava que somente instruindo seus filhos a terem relações na idade certa seria suficiente. Uma possibilidade para transmitir mais confiança aos pais em relação à vacina é que, no momento do envio do comunicado, por parte das escolas, para que os pais levem seus filhos para vacinar, seja feito um esclarecimento acerca da vacina, seus possíveis efeitos adversos, sua forma de ação e a importância da sua aplicação na prevenção à infecção. Vale ressaltar que no momento da entrevista, após a observação da resposta desta mãe, a mesma foi convidada para um bate-papo, onde foi esclarecida a respeito do HPV e da vacina, o que fez com que a mesma ficasse surpresa e afirmasse que, a partir dessas informações, agora entende a importância e lamenta não ter vacinado seus filhos.

Entende-se que esse trabalho em conjunto com diferentes profissionais se torne fundamental para garantia da universalidade de direitos, bem como a garantia de que o programa da Saúde na escola (PSE) alcance tanto os educadores quanto os pais, alunos e toda a sociedade de forma que a mesma se consolide através do planejamento de ações e execução do objetivo proposto (BRASIL, 2011; CHIARI *et. al*., 2018).

A pesquisa realizada aponta que 96,5% dos voluntários já haviam ouvido falar do HPV e mesmo os que pouco conhecia sobre o assunto vacinaram os seus filhos. Esses pais salientaram a necessidade do esclarecimento do assunto para que os mesmos até conversem com os seus filhos em ambiente familiar.

A literatura descreve uma realidade diferente da encontrada nesse estudo no que diz respeito a adesão a vacina, e ela nos trás fatores que podem implicar na não adesão a vacina contra o HPV e a primeira delas é a falta de informação sobre a vacina e possíveis consequências que o vírus pode trazer. (LAZALDE *et a*l., 2018).

Fonseca *et al*., (2017) salienta que as crianças imunizadas entre 9 a 14 anos os pais tiveram importante papel na aceitação da vacinação. Contudo ainda existem pais que atrasam a vacinação de seus filhos com a justificativa de que os mesmos não possuem vida sexual ativa e por isso não correm risco de adquirir HPV, porém procurando mais informações sobre a vacina puderam verificar que a sua eficácia é duradoura o que os deixa mais seguros na hora de vacinarem seus filhos (RENDLE; LESKINEN, 2017).

O farmacêutico dentro dessa temática, vai prestar a atenção aos pais e alunos, e a sociedade de forma geral, a educação em saúde, seja na UBS, na ESF ou no PSE podendo atua e intervir através de ações voltadas para o conhecimento não só do assunto aqui tratado, mais falando de saúde em geral, com foco na prevenção e no auto cuidado, contudo a literatura traz informações que a saúde não promove ações educativas que desperte no adolescente e no jovem, a conscientização de cuidar de si, por isso a importância de uma ação conjunta entre profissionais da saúde, educadores e principalmente os pais (GENTIL; CORDEIRO, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que através da pesquisa realizada e da literatura o tema abordado ainda é deficiente no que diz respeito ao trabalho multidisciplinar e setoriais envolvendo saúde, educação e família, pois as informações não são claras o suficiente, o que causa diversos entraves principalmente nos diálogos em sala de aula, em casa sobre saúde mais especificamente sobre o HPV.

Há uma necessidade de se esclarecer, sobre o HPV e as consequências que o vírus pode causar, de forma que a sociedade tenha acesso a informações corretas e dessa forma também passe a fazer parte dessa rede de educação incentivando cada vez mais a adesão a vacina.

É necessário que haja cooperação entre saúde e escola para que as informações sejam disseminadas, desenvolvendo atividades, oficinas, palestras, com elaboração de material didático educativo, buscando fornecer informações sobre o HPV, como o mesmo se manifesta, seus sinais, sintomas, bem como forma de prevenção, vacinação e promoção da saúde buscando a prevenção da saúde.

Mesmo essa pesquisa apresentando um resultado favorável a vacinação contra o HPV, sabe-se através da literatura e através de dados divulgados nos portais do ministério da saúde que a adesão a vacina contra o HPV ainda é baixa. Tal resistência fundamenta-se no antigo tabu que circunda a vacinação contra o HPV, o medo de incentivar a prática da iniciação sexual precoce e o medo dos pais com relação aos possíveis efeitos colaterais que a vacina pode causar.

A importância da vacinação contra o HPV é evidenciada em várias publicações e sua eficácia na diminuição dos índices de infecção pelo vírus é fato consagrado. Entretanto, as notícias falsas veiculadas, principalmente nas redes sociais, fazem com que os tabus e medos aumentem e consequentemente, a resistência da população a vacinação também.

Portanto, o incentivo a trabalhos que objetivam a divulgação de informações verdadeiras sobre a vacina contra o HPV e os riscos da não vacinação é de suma importância para garantir melhores índices de adesão a vacina por parte dos pais e responsáveis, contribuindo assim para melhoria da qualidade de vida das crianças que a partir da conscientização dos pais passarão a ter acesso a proteção duradoura que a imunização que lhes é de direito.

Por fim o farmacêutico possui um importante papel no que diz respeito a divulgar e trazer à tona esse assunto tão difícil de ser abordado, buscando alcançar através de suas ações espaços escolares, mídias e redes sociais, com informações corretas, com compromisso ético e verídico do que é informado para que mais pessoas sejam adeptas a vacina contra o HPV. Entende-se que a pesquisa não se esgota aqui e que é possível que a adesão da vacina pelo maior número possível de crianças e adolescentes possa diminuir drasticamente o número de pessoas acometidas pelo câncer de colo de útero, ânus, entre outros causados pelo vírus, por isso a importância de se abordar mais esse tema dentro das escolas, UBS, redes sociais e instituições de saúde no geral.

Juntos somos mais fortes, e a educação em saúde é capaz de contribuir para erradicação das doenças causadas pelo HPV, desde que tratada de forma séria e repetitiva a fim de criar na sociedade o hábito de vacinar confiando na ciência e na tecnologia.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.N.S. et al. **Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil.** Revista Ciência e Saúde Coletiva ed. 3 Nº 23, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.00102016.

ALMEIDA R. C. A. A., CASTRO J. M. de,OLIVEIRAT. V. de C., *et al*. **Cobertura vacinal ANTI-HPV e motivos de não vacinação**. Revista Eletrônica Acervo Enfermagem, v. 2, e2600, 2020.

BORSATTO, Alessandra Zanei; VIDAL, Maria Luiza Bernado; ROCHA, Renata Carla Nencetti Pereira. **Vacina contra o HPV e a Prevenção do Câncer do Colo do Útero:** Subsídios para a Prática. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 57, n. 1, p. 67-74, 31 mar. 2011.

BRASIL. Congresso Nacional Lei nº 13.021, de 8 de agosto de 2014. **Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 de agosto, Seção 1, p.1

BRASIL, Fiocruz. **Principais questões sobre HPV:** prevenção, diagnóstico e abordagem. Portal de boas práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, 2020. Disponível em: https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/principais-questoes-sobre-hpv-prevencao-diagnostico-e-abordagem/ Acesso em: 04/11/2022.

BRASIL. Ministério da saúde. **Condiloma acuminado (Papilomavírus Humano – HPV)**. Brasília, 2019. Disponível em: http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/condiloma-acuminado-papilomavirus-humano-hpv.

BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde.**Consumo de medicamentos:** um auto cuidado perigoso.Brasília, [s.d.]. disponível em:ttp://www.conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2005/medicamentos.htm.

BRASIL. Ministério da saúde. **Estudo apresenta dados nacionais de Prevalência da Infecção pelo HPV.** Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2017/novembro/estudo-apresenta-dados-nacionais-de-prevalencia-da-infeccao-pelo-hpv>.

BRUM J. O.; ANDRADE V. R. M. **O envolvimento do papiloma vírus humano no câncer de colo de útero:** um artigo de revisão. Revista Inter disciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas**.** Santo Ângelo, v. 4, n.1,p.67-75, 2020.

CARVALHO, A.M.C. *et al.* **Adesão à vacina HPV entre os adolescentes:** revisão integrativa. Texto & Contexto Enfermagem, Santa Catarina, v. 28, p.1-15, 2019. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0257>. Acesso em: 22 de mar.2022.

CASEMIRO, J.P.; FONSECA, A.B.C.; SECCO, F.V. M. **Promover saúde na escola:** reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 829-840, 2014. Disponível em: < https://scielosp.org/pdf/csc/v19n3/1413-8123-csc-19-03-00829.pdf >. Acesso em: 18 abr. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Resolução nº 654, de 22 de fevereiro de 2018. **Dispõe sobre os requisitos necessários à prestação do serviço de vacinação pelo farmacêutico e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 de fevereiro. 2013. Seção 1, p. 78-79.

COSTA, Jaqueline Helen Godinho *et al*. **Prevenção do câncer de colo do útero em comunidades ribeirinhas atendidas pelo Programa Luz na Amazônia**, Estado do Pará, Brasil. Revista Pan-Amazônica de Saúde, v. 2, n. 4, p. 6-6, 2011.

DA SILVA, Bruna Fernandes et al. **O impacto da adesão vacinal contra o HPV entre jovens:** um estudo transversal. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 8, p. 59086-59092, 2020.

DA SILVA, TuannyItalla Marques *et al*. **Vacina e HPV:** saberes dos pais e responsáveis de meninas adolescentes. Revista Eletrônica Gestão & Saúde, v. 1, n. 3, p. 622-637, 2017.

DE CAMPOS, Renata Sanzovo Pires; DE SOUZAI, Laila Batata Lopes Nunes. **Gestação e papilomavírus humano (HPV):** vias de transmissão e complicações. Aposente-se com mais tranquilidade para seu futuro, conte com o nosso serviço de assessoria INSS**.**, p. 109, 2016.

DE OLIVEIRA, Renata Anastácia Batista. **Atuação do farmacêutico na educação em saúde.** 2015.

FARIAS, I.C.V et al. **Análise da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola.** Revista Brasileira de Educação Médica. Brasília, v.40, n.2, p.261-

267, 2016. Disponível em: DOI: http://dx.doi.or/10.1590/1981-52712015v40n2e02642014. Acesso em: 27 de fev.2022.

FERREIRA, I.R.C, *et al*. **Percepções de gestores locais sobre a intersetorialidade no Programa Saúde na Escola.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.19, n.56, p. 61-76, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000100004>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FONSÊCA, E. DE A. B. DA *et al*. **Adesão de meninas à campanha de vacinação contra HPV no estado da Paraíba em 2014.** Rev. Ciênc.Saúde Nova Esperança, v. 15, n. 1, p. 109–117, 2017

FREITAS, Raphaela; CANGUSSÚ, Lorena; GRADELLA, Débora. **Conhecimento de mulheres usuárias do SUS sobre o HPV na região Norte do Espírito Santo.** Enciclopédia Biosfera, v. 11, n. 22, 2015.

GENTIL, D. F.; CORDEIRO, M. J**. A vacinação contra o HPV na percepção de gestores escolares:** Programa Saúde na Escola. Interfaces da Educ., Paranaíba,v.11, n.31, p. 550 - 581, 2020**.**

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisas**. Ed. 5. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Estimativa 2020**: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019 . Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf> Acesso em: 09 abr. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (Brasil). **Quais são os tipos de HPV que podem causar câncer?** Brasília, [s.d.]. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/quais-sao-os-tipos-hpv-que-podem-causar-cancer>. Acesso em: 09 abr. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (Brasil). **Quem pode ser vacinado contra o HPV?**, Brasília, [s.d.]. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/quem-pode-ser-vacinado-contra-o-hpv>. Acesso em: 09 abr. 2022.

JURBERG, Claudia *et al*. **Conhecimento sobre o HPV entre adolescentes durante a campanha de vacinação**. Revista Adolescência e Saúde, v. 12, n. 4. Rio de Janeiro, 2015.

KNECHTEL, M. R**. Metodologia da pesquisa em educação:** uma abordagem teórico-prática dialogada**.** Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LAZALDE, G. E. *et al*. **Parents Who Decline HPV Vaccination:** Who Later Accepts and Why? Academy Pediatrcs, v. 18, n. 2, p. 37–43, 2018.

LETO, Maria das Graças Pereira et al. **Infecção pelo papilomavírus humano:** etiopatogenia, biologia molecular e manifestações clínicas. Anais Brasileiros de

Dermatologia [online]. 2011, v. 86, n. 2, pp. 306-317. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abd/a/W8xQS6MSSk7tT8CLRCnbs8f/?lang=pt.

LIMAE.L.;LOPESK.C.;BATISTAN.J.C**. Fatores que influenciam na manifestação do HPV em homens.**Research, Society and Development**,**v.9, n.7,jun.2020.

LIMA, Aline Daiane Faim de *et al*. **O conhecimento sobre o HPV entre estudantes de graduação em Enfermagem**. Texto Contexto Enfermagem. Florianópolis, 2013.

LIMBERGER, Adeline *et al*. Aspectos **imunológicos da infecção pelo vírus do papiloma humano (HPV).** Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, v. 33, n. 1, p. 111-122, 2012.

OLIVEIRA, Hadelândia Milon de; GONÇALVES, Maria Jacirema Ferreira. **Educação em saúde:** uma experiência transformadora. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 57, n. 6, p. 761-763, 2004.

OLIVEIRA M. V. B.; MORAIS W. B. S.; OLIVEIRA F. B. M. *et al.* **Fatores de risco associados ao desenvolvimento de neoplasias de pênis**. Research, Society and Development,v.9, n.2,jan.2020.

OSIS, M.J.D; DUARTE, G.A; SOUSA, M.H. **Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil.** Rev. Saúde Publica nº 48. ed.1; Campinas SP, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005026.

PEREIRA, Nathália Cano; LUIZA, Vera Lucia; CRUZ, Marly Marques da. **Serviços farmacêuticos na atenção primária no município do Rio de Janeiro:** um estudo de avaliabilidade. Saúde em Debate, v. 39, n. 105, p. 451-468, 2015.

RENDLE, K.; LESKINEN, E. Timing Is Everything: **Exploring Parental Decisions to Delay HPV Vaccination**. Qualitative Health Research, v. 27, n. 9, p. 1380–1390, 2017.

RIZZO, E.R. *et al*. Vacina do HPV -**O conhecimento das adolescentes a respeito do Papiloma vírus Humano, um relato de experiência.** Revista Pró-univer SUS, v.7, n.2, p.10-12, 2016.

RODRIGUES, Alice Ludugério *et al*. **Cobertura vacinal do hpv:** uma análise sobre fatores que implicam na baixa adesão à vacina. Revista Transformar, v. 14, n. 1, p. 560-574, 2020.

ROSA, Maria Inês da *et al*. **Papilomavírus humano e neoplasia cervical.** Cadernos de Saúde Pública, v. 25, p. 953-964, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/XVHZYXNwmNPtY9CVhPrqvXn/?lang=pt. Acesso em: 08 abr. 2022.

SALES, Clarisse Andrade *et al*. **O papel do farmacêutico nos serviços de vacinação:** revisão integrativa. Research, Society and Development, v. 10, n. 16, p. e544101624040-e544101624040, 2021.

SANTOS, Amanda Bartolomeu. **A incorporação da vacina HPV no SUS:** práticas de Estado, conhecimentos científicos e produção de diferença sexual nos documentos da implantação da política de saúde. 2017.

SILVA B. F.; RODRIGO A. R.; FREITAS A. G. *et al.* **O impacto da adesão vacinal contra o HPV entre jovens:** um estudo transversal. Brazilian journal of development., Curitiba,v.6,n.8,p.59086-59092,ago. 2020.

SILVEIRA, P. T.; YOTUMOTO, A. S. M., **Relação entre o papilomavírus humano e o vírus da imuno deficiência humana.** Brazilian journal of development.**,** Curitiba,v.6,n.7,p.50194-50198,jul.2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Infecção sexualmente transmissível na adolescência**. Guia prático de atualização: Departamentos científicos de adolescência e infectologia. Rio de Janeiro, 2018.

SOUSA, Ranieri Flávio Viana de *et al*. **Infecções sexualmente transmissíveis:** percepção de adolescentes e jovens em uma instituição de ensino público de referência no estado do Piauí. 2020. Tese de Doutorado.

SOUZA G.P.; VON LEDEBUR E. I. C.; ARAÚJO M. V. A. *et al.* **Aspectos clínicos e epidemiológicos da infecção genital pelo papilomavírus humano em gestantes do município de Imperatriz, estado do Maranhão**, Brasil. Rev. Pan-Amazônica de saúde**,** v. 9, n. 3, set. 2018.

SOUZA W. M.; SILVA A. D.; SANTOS A.D. *et .al.* **Análise da imunização contra o hpv no brasil:** um estudo ecológico exploratório de 2016 a 2018. Research, Society and Development,v.9, n.7,jun.2020.

SILVA, P.M. C, *et al*. **Conhecimento e atitudes sobre o Papilomavírus Humano e a vacinação.** Escola Anna Nery, v. 22, n.2, p.1-7, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0390 >. Acesso em: 27 de set.2022.

TAQUETTE, Stella Regina; MINAYO, Maria Cecília. **Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013.** Physis [online]. 2016, vol.26, n.2, pp.417-434.

TORRES, T.R.F; NASCIMENTO, E.G.C; ALCHIERI, I.C. **O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes**. Revista Adolescência & Saúde, Rio de Janeiro, v. 10, Suppl 1, p.16-26, 2013. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=391>. Acesso em: 11 de fev.2022.

VEJA, **Vacina contra o HPV pode ser eficaz mesmo para mulheres que já contraíram o vírus, diz estudo.** Abr. 2015. Disponível em: https://veja.abril.com.br/saude/vacina-contra-o-hpv-pode-ser-eficaz-mesmo-para-mulheres-que-ja-contrairam-o-virus-diz-estudo/. Acesso em: 10 abr. 2022.

VIEGAS, Selma Maria Fonseca et al. **Preciso mesmo tomar vacina?** Informação e conhecimento de adolescentes sobre as vacinas. Avances em Enfermería, v. 37, n. 2, p. 217-226, 2019.

VIEIRA, Fabiola Sulpino. **Possibilidades de contribuição do farmacêutico para a promoção da saúde.** Ciencia& saúde coletiva, v. 12, n. 1, p. 213-220, 2007.

ZARDOG.P.;FARAHF. P.;MENDES F.G.etall.**Vacina como agente de imunização contra o HPV.**Ciênc.Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.19, n.9, set. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000903799&lng=en&nrm=iso&tlng=pt#B01.

ZANINI, N.V *et al*. **Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR.** Revista Brasileira Medicina de Família e Comunidade. v.12, n.39, p.1-13, 2017.

ZONZINI, J; CARVALHO, J. **HPV e Histórico**, HPV online, 2022. Disponível em: <https://hpvonline.com.br/sobre-hpv/o-que-e-hpv/hpv-e-historico/>. Acesso em: 4 nov. 2022.